

VOZES (NEO)NAZIS E(M) DIÁLOGO TROPICALIZADO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO EX-SECRETÁRIO ROBERTO ALVIM

(NEO)NAZIS VOICES IN TROPICALIZED DIALOGUE: AN ANALYSIS
OF THE SPEECH OF FORMER SECRETARY ROBERTO ALVIM

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues¹
Kelli da Rosa Ribeiro²

Enviado em: 08/06/2020

Aceito em: 27/06/2021

RESUMO: Nesse artigo, nosso objeto de estudo é o discurso do então Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, contextualizado no início do ano de 2020, sobre novos rumos da cultura brasileira em seu governo. Pensando nas relações dialógicas evocadas nesse pronunciamento do ex-Secretário, elegemos os seguintes objetivos: (1) analisar os reflexos e as refrações semânticas dos signos ideológicos; (2) perscrutar os pontos de vista oriundos de vozes sociais em articulação com a nossa análise sócio-ideológica; e (3) compreender o processo de bivolocalização discursiva que enceta um diálogo (neo)nazista tropicalizado. Para essa empreitada, fundamentamo-nos em um referencial bibliográfico e interpretativo que põe em interlocução o projeto de sociedade do Círculo de Bakhtin/Volochínov/Medviédev e estudos historiográficos sobre o nazismo. Nossos resultados permitem concluir que Roberto Alvim, legitimado e autorizado pelo ideário bolsonarista, centrado no *mito*, instaura em seu discurso um diálogo (neo)nazi tropicalizado com a voz de Joseph Goebbels, um dos líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), no processo de bivolocalização discursiva. Na integração da sintaxe e de recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels, Alvim mobiliza signos ultranacionalistas sobre novos rumos da cultura brasileira. Para velar esse diálogo com o nazismo, disfarça pela sintaxe recursos léxico-semânticos do discurso do Ministro do Esclarecimento e da Propaganda de Adolf Hitler. Em vista desse diálogo velado, não usa aspas nem travessões para diferir as vozes das respectivas enunciações.

Palavras-chave: Vozes (neo)nazis; Bolsonarismo; Diálogo (neo)nazista tropicalizado; Bivolocalização discursiva.

ABSTRACT: In this article, our object of study is the speech of the then Special Secretary for Culture, Roberto Alvim, contextualized at the beginning of the year 2020, about new directions of Brazilian culture in his government. Thinking of the dialogical relations evoked in this ex-Secretary's statement, we elected the following objectives: (1) to analyze the reflexes and semantic refractions of ideological signs; (2) to examine the points of view coming from social voices in conjunction with our sign-ideological analysis; and (3) to understand the discursive bivocalization process that initiates a tropicalized neo-Nazi dialogue. For this endeavor, we are based on a bibliographic and interpretative framework that puts together the Bakhtin/Volochínov/Medviédev Circle society project and historiographical studies on Nazism. Our results allow us to conclude that Roberto Alvim, legitimized and authorized by the Bolsonarist ideology, centered on the *myth*, establishes in his speech a tropicalized neo-Nazi dialogue with the voice of Joseph Goebbels, one of the leaders of the National Socialist German Workers' Party (NSDAP), in the discursive bivocalization process. In the integration of the syntax and lexical-semantic resources of Goebbels' discourse, Alvim mobilizes ultranationalist signs about new directions in Brazilian culture. In order to conceal this dialogue with Nazism, it

¹ Graduando do curso Letras Português e Francês e suas respectivas Literaturas. Contato: rodmaf2@gmail.com

² Doutora em Letras, na área de concentração em Linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPG-Letras/FURG). Contato: krlo.rib@gmail.com

disguises the syntax of lexical-semantic resources in the speech of the Minister of Propaganda and Public Enlightenment of Adolf Hitler. In view of this veiled dialogue, he does not use quotation marks or dashes to differentiate the voices from the respective utterances.

Keywords: Voices neo-Nazis; Bolsonaroism; Tropicalized neo-Nazi dialogue; Discursive bivocation.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, nosso objeto de estudo é o discurso do então Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, feito em pronunciamento no dia 16 de janeiro de 2020, sobre novos rumos da cultura brasileira em seu governo em que apresenta o edital do Prêmio Nacional das Artes. No cenário brasileiro, esse pronunciamento de Roberto Alvim é legitimado e é autorizado pelo ideário do bolsonarismo, centrado na figura autoritária do *mito*, que estabelece diálogos com vozes ultraconservadoras, fundamentalistas, militares, neoliberais e ultranacionalistas. A partir daí, o ex-Secretário, ao som de Wagner, instaura um diálogo (neo)nazista tropicalizado com a voz de Joseph Goebbels, um dos líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP – isto é, Partido Nazista), no processo de bivocalização discursiva. Na integração da sintaxe e de recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels, Alvim mobiliza signos ultranacionalistas sobre novos rumos da cultura brasileira. Para velar esse diálogo com o nazismo, disfarça pela sintaxe recursos léxico-semânticos do discurso do Ministro do Esclarecimento e da Propaganda do *Führer*, Goebbels. Em vista desse diálogo velado, não usa aspas nem travessões para diferir as vozes das respectivas enunciações. Após a repercussão pública, Roberto Alvim, numa entrevista ao veículo jornalístico *Estadão*, afirmou que, sob a égide da *coincidência retórica*, “[...] as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas [...]” e que “[...] assino embaixo [...]”. No dia 17 de janeiro, foi publicado no Diário Oficial da União a sua exoneração do cargo de Secretário Especial da Cultura.

Pensando nas relações dialógicas evocadas nesse pronunciamento do Ex-Secretário, partimos de três objetivos: (1) analisar os reflexos e as refrações semânticas dos signos ideológicos; (2) perscrutar os pontos de vista oriundos de vozes sociais em articulação com a nossa análise sócio-ideológica; e (3) compreender o processo de bivocalização discursiva que enceta um diálogo (neo)nazista tropicalizado. Seguindo esses objetivos, nós, como sujeitos ativamente responsivos, justificamos esse artigo pelo fato de o nosso objeto de estudo, numa perspectiva ideológica, suscitar sentidos que naturalizam comportamentos antidemocráticos em diferentes instâncias nacionais.

Para essa empreitada, fundamentamo-nos em um referencial bibliográfico e interpretativo que põe em interlocução o projeto de sociedade do Círculo³ e os estudos historiográficos sobre o nazismo. Nesse âmbito, trabalhamos com os conceitos de *signo ideológico*, *dialogismo*, *vozes sociais*, *bivocalização discursiva* e *diálogo (neo)nazista tropicalizado*⁴. Nesse contexto teórico-metodológico, para o estudo do discurso de Roberto Alvim sobre novos rumos da cultura brasileira em seu governo, usamos como suporte o seu pronunciamento publicado no canal Poder306 do *Youtube*.

Este artigo é engendrado pelas seguintes seções: “A noção de signo ideológico e a atmosfera bolsonarista: possíveis aproximações” em que delinearemos potenciais similitudes entre o bolsonarismo e a noção de signo ideológico; “vozes sociais e(m) diálogo no discurso” na qual verifica-

³ É comum lermos estes nomes: “Círculo de Bakhtin” ou “Círculo e Bakhtin”. Pensamos que essas escolhas sobrevalorizam os trabalhos do filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, não incluindo com a mesma importância os trabalhos do linguista Valentin Volochínov e do crítico literário Pável Medviédev. Neste texto, abordaremos as obras do Círculo que, ao nosso entender, entrecruzam-se num projeto de sociedade.

⁴ Elaboramos esse conceito com o objetivo de evidenciar o fato de o neonazismo estabelecer um diálogo entre vozes cotidianas e históricas que se materializam em discursos - projetos de lei, pronunciamentos, discursos governamentais, comentários de internet etc. A palavra *tropical* nos indica que não se trata do nazismo alemão que presenciamos na sociedade brasileira, mas um neonazismo contextualizado na realidade do Brasil. Por isso mesmo, empregamos o conceito *diálogo (neo)nazista tropicalizado* ou *diálogo (neo)nazista tropicalizado*.

remos, teoricamente, como as noções de vozes sociais e de discurso bivocal se articulam; e “vozes (neo)nazis e(m) diálogo tropicalizado” em que (d)escreveremos a metodologia de seleção do objeto científico e, subsequentemente, perscrutá-lo-emos com respaldo do referencial bibliográfico e interpretativo descrito.

A NOÇÃO DE SIGNO IDEOLÓGICO E A ATMOSFERA BOLSONARISTA: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Nos estudos do Círculo, percebemos um projeto de sociedade no qual o sujeito é histórico e é dialógico. Esse sujeito, que interpreta um papel ativamente responsivo no quadro da linguagem (BAKHTIN, 2018), está circunvalado por um meio ideológico que se constitui de ideologias superestruturais, infraestruturais e, conjuntamente, de uma base econômica (VOLOCHÍNOV, 2010; MEDVIÉDEV, 2016). A consciência é um fato socioideológico que se desenvolve na interação entre o *eu* e o *outro* dentro de um edifício social de signos ideológicos (VOLOCHÍNOV, 2010). Para nós, é interessante advertir o leitor menos atento à obra do Círculo que *ideologia* não é o que o concorrente político concebe sobre este ou aquele tema nacional, tática esta usada, por exemplo, por Jair Bolsonaro, mas, e isto sim, a produção de cultura e de vida numa sociedade.

Para o Círculo, ideologia, língua(gem) e consciência se entrecruzam num projeto de sociedade. Quanto a isso, cremos que é fundamental ponderar algumas palavras sobre o signo ideológico enquanto material significante, refletor e refrator da existência. Conforme Valentin Volochínov (2010), todo signo ideológico possui um valor semiótico e, nesse contexto, entendemos que a sua materialização pode ocorrer em distintos sistemas ideológicos de signos (linguístico, visual, sonoro).

Além disso, a representação ideológica (reflexo e refração) que apreende a realidade de maneira específica, condicionando-se a critérios de avaliação, acontece não apenas porque cada campo de criação ideológica representa o real à sua forma, mas também porque as classes sociais se servem de uma mesma língua nacional (VOLOCHÍNOV, 2010). Entrando nessa seara, o signo ideológico é envolto de relações contextuais, culturais e históricas, isto é, seu sentido não depende somente das consciências do eu e do outro, mas do complexo jogo de reflexos e refrações que se estabelecem no processo de interação.

Avaliando essas questões teóricas, é possível delinear aspectos acerca do chamado *bolsonarismo*, recuperando signos ideológicos que se entrelaçam nesse ideário. Para Kalil (2019), cientista social e antropóloga, na coordenação de pesquisa etnográfica com eleitores de Jair Bolsonaro, constatou que as manifestações bolsonaristas e conservadoras, no transcurso da década de 2010, contrapostas à versão terceira do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH+3), materializavam-se, dentre outras, nestas pautas: contrariedade à laicidade do Estado; ampliação do porte de armas; contrariedade à diversidade de orientação sexual; contrariedade à discussão sobre a sexualidade nas instituições de ensino. Há que se notar conjuntamente que os grupos bolsonaristas, sejam quais foram seus locais ou meios de agrupamento, possuem uma noção seletiva de direito, porque possuem como referência a noção de *cidadão de bem* (KALIL, 2019).

Acrescentamos a isso o fato de o bolsonarismo ser centrado nas variadas significâncias de um *mito* cujas refrações de sentido legitimam e autorizam discursos antidemocráticos como o pronunciamento de Roberto Alvim. Assim, o signo ideológico é um elemento sociocultural não só capaz de refletir e refratar esse *ser* que mobiliza a linguagem, como também os signos ideológicos refletem e refratam sentidos do contexto da enunciação que envolve o sujeito. Ou seja, unidos no processo discursivo, o ser ou os seres e aspectos não verbais da situação fazem com que o signo ideológico não tenha somente uma significação, mas vários sentidos a cada vez que são enunciados (RIBEIRO, 2015). Desse modo, o signo *mito* passa a circular na política brasileira, figurando como possibilidade de redenção alegórica da *velha política*. A figura de Jair Bolsonaro foi-se aos poucos se entrelaçando, paradoxalmente, a essa alegoria, tornando possível a ampla difusão da sua narrativa

que invadiu diferentes esferas sociais.

Outrossim, é importante destacar que o regime civil-militar-midiático inaugurado com um golpe militar sob uma simbologia ufanista amplamente prendeu e torturou opositores políticos. Para Rodrigues e Ribeiro (2019), esse período foi marcado por uma política de repressão e de expurgo por parte dos governos militares que, para a sua manutenção no poder, acionavam Decretos-lei, Atos Institucionais e Complementares – ou seja, tipos normativos paralegais que não eram votados ou sequer determinados com anterioridade constitucional – para controlar a sociedade. Além disso, enfatizamos nessa análise os órgãos que combatiam os *comunistas* dentre estes o sistema DOI-CODI (RODRIGUES; RIBEIRO, 2019). Não reconhecendo esses fatos, Jair Bolsonaro homenageou Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador assim reconhecido pela justiça brasileira, na Câmara dos Deputados durante a votação do processo de impedimento da ex-Presidente Dilma Rousseff (PT). Se não bastasse isso, no ano de 2019, inflamou os quartéis a comemorar o golpe de estado que ocorreu em 1964 – golpe este tratado por círculos militares de alta patente desde sua consolidação pelo nome de *revolução*, num claro exemplo de submissão dos fatos às ideologias ufanistas.

Insurge-se essa intercompreensão ideológica dos signos, porque nossa consciência, como já escrevemos, é um fato socioideológico. Durante nossa vivência social, o eu e o outro interagem e, assim, o sujeito é inserido nos seus grupos de pertencimento e, com o tempo, na sociedade. É por meio da linguagem humana, influenciada pelas ideologias e pela base econômica, que aprendemos sobre o mundo. Valentin Volochínov (2010) lança mão da hipótese de que se a consciência não fosse um fato socioideológico (atividade mental do *nós*), restaria tão somente a reação fisiológica do animal (atividade mental do *eu*). Logo, não se trata do *bom selvagem*, mas, sim, de um sujeito dialógico e histórico em socialização cujo pensamento não existe fora de uma orientação social.

Numa mesma língua, ocorrem, por meio de diferentes materializações sógnicas, reflexões e refrações semânticas que revelam um embate de interesses sociais. A pesquisa etnográfica coordenada por Isabela Kalil nos possibilita constatar esse embate de interesses sociais, porque essas materializações sógnico-ideológicos demonstram o diálogo de grupos bolsonaristas com vozes ultraconservadoras, neoliberais, ultranacionalistas, fundamentalistas e militares, centrado figura autoritária do *mito*, que, por sua vez, legítima e autoriza discursos com posicionamentos autoritários⁵.

Ademais, o discurso é orientado para outros discursos, o que, ao nosso compreender, possibilita-nos pensar no diálogo de vozes sociais que se instaura no processo de bivocalização discursiva. Quanto a isso, aprofundamos, na próxima seção, o nível translinguístico, porque sistematizamos as relações dialógicas, nas quais as relações sintáticas e léxico-semânticas são postas no discurso para refletir e refratar diferentes sentidos ultranacionalistas e para velar um diálogo (neo)nazi tropicalizado.

VOZES SOCIAIS E(M) DIÁLOGO NO DISCURSO

Como já dissemos, o sujeito histórico e dialógico, cuja consciência é um fato socioideológico, está circunvalado por um meio ideológico que se constitui de ideologias superestruturais, infraestruturais e, conjuntamente, de uma base econômica. Nos estudos do Círculo, esse sujeito participa de um processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2018). Segundo Mikhail Bakhtin (2018, p. 271), “[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva:

⁵ Conforme Roberto Alvim, na mesma entrevista ao *Estadão* em que disse que as ideias contidas nas frases eram absolutamente perfeitas, ao responder a um questionamento sobre o posicionamento de Jair Bolsonaro com relação ao seu pronunciamento, “Conversei com o Presidente hoje de manhã. Se convenceu plenamente do que eu falei. O presidente me conhece. Sabe que as minhas intenções são absolutamente nobres nesse campo [...]”. Essa entrevista nos fornece mais subsídios para defendermos o fato de o ideário bolsonarista, centrado na figura autoritária do *mito*, legitimar e autorizar discursos antidemocráticos.

concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.”.

Toda compreensão plena real é ativamente responsiva e, conforme Mikhail Bakhtin (2018, p. 272), “[...] é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)”. Na alternância dos parceiros de troca linguageira, o sujeito não espera uma compreensão passiva no processo de comunicação discursiva, ou seja, uma reprodução de sua palavra, justamente porque, na concepção de Valentin Volochínov (2010, p. 137, grifo do autor), “Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”, ocasionando uma resposta. Logo, os sujeitos que participam do quadro de comunicação real discursiva, nos estudos do Círculo, não são passivos como nos desenhos esquemáticos das linguísticas gerais. É assim que intercorre a apreensão, a compreensão e a avaliação dos enunciados do outro.

Nessa troca linguageira dos sujeitos, no quadro complexo e ativo da comunicação discursiva, os parceiros não escutam as unidades da língua (BAKHTIN, 2018). Um exemplo disso pode ser contextualizado nas eleições de 2018, quando um bolsonarista gritava *Bolsonaro 2018!* e, noutra oportunidade, outra pessoa replicava *Ele não!*, não se tratava de unidades abstratas da língua, mas de enunciados em tensão dialógica. Mikhail Bakhtin (2018, p. 283) ensina que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”.

Resumidamente, esses enunciados eram réplicas do diálogo tenso de vozes do campo político que transcorria nas ruas, nas instituições, nas redes sociais, na mídia etc., já que, conforme discussões, havia um projeto governamental em prática alinhado aos setores ultraconservadores, neoliberais, ultranacionalistas e militares da sociedade. Naquele momento histórico, havia aqueles que declaravam apoio à candidatura do agora Presidente do Brasil; outros retrucavam preferindo os demais candidatos.

Mais uma vez, advertimos o leitor menos atento à obra do Círculo: dialogicidade não é o diálogo face a face entre os sujeitos históricos. O diálogo a que se refere Mikhail Bakhtin e Valentin Volochínov é atinente à relação de sentido entre os enunciados. Juntamente, não é razoável pensar na dialogicidade do discurso como correspondente à intertextualidade do discurso. Referente a isso, podemos usar como exemplo uma lição sobre dialogicidade de Mikhail Bakhtin no livro *Problemas da poética de Dostoiévski*. Estas orações “A vida é boa” e “A vida não é boa” demonstram juízos duma determinada lógica e de um conteúdo concreto-semântico, mas, conforme Bakhtin (2002), não há quaisquer relações dialógicas, justamente porque são unidades da língua, e não enunciados de sujeitos diferentes cujas vozes estão em tensão dialógica. Há, pois, uma intertextualidade discursiva sobre a vida: de um lado, uma afirmação; de outro, uma negação.

Nos é importante escrever que o processo de bivocalização discursiva é justamente esse processo dialógico de vozes sociais que, consoante Bakhtin (1988, p. 127), “[...] serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor”. O discurso bivocal é acompanhado por vozes que estão dialogicamente correlacionadas (BAKHTIN, 1988). Apesar de o filósofo da linguagem citar o discurso literário humorístico, irônico e paródico, podemos refletir como exemplo congêneres os discursos do cotidiano sem esquecermos de que a todo instante estamos apreendendo, transmitindo e orientando o discurso de outrem.

É nesse mesmo sentido que acompanhamos o pensamento de Valentin Volochínov (2010, p. 150) quando afirma que: “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Dessarte, podemos entender que esse processo descrito por Mikhail Bakhtin é um processo discursivo que integra em sua construção outros discursos. É bem por isso que Volochínov (2010, p. 151) reflete que se “[...] elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional [...]”. A isso, relacionamos as condições de transmissão do discurso que consideram o seu auditório social e suas finalidades (VOLOCHÍNOV, 2010).

Os estilos linear e pictórico participam do processamento de transmissão discursiva. O estilo linear conserva as fronteiras do discurso alheio, criando “[...] contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado” (VOLOCHÍNOV, 2010, p. 156). O estilo pictórico não conserva essas fronteiras do discurso alheio, porque a língua “elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem”; logo, o sujeito pode apagar as fronteiras do discurso do outro com o fito de “[...] colori-lo com as suas entonações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (VOLOCHÍNOV, 2010, p. 157).

Além disso, Bakhtin indica três tendências de orientação do discurso. A primeira é o discurso bivocal de orientação única em que há o efeito de fusão de vozes (BAKHTIN, 2002). Com base no que já escrevemos, nesse caso, as fronteiras sintáticas e léxico-semânticas podem ser mais ou menos perceptíveis. A segunda é o discurso bivocal de orientação vária em que há a decomposição em duas vozes (BAKHTIN, 2002). A terceira é o tipo ativo ou, então, discursos refletidos do outro, em que são possíveis variadas formas de interação com o discurso do outro e variadas formas de influência deformante (BAKHTIN, 2002).

Relativamente ao nosso objeto de estudo, aplicaremos o conceito de bivocalização discursiva no estabelecimento de uma análise dialógica entre o discurso de um dos líderes do Partido Nazista e o discurso de pronunciamento de um dos bolsonaristas do Governo Federal. Assim, selecionamos o discurso citante do ex-Secretário e o discurso citado de Joseph Goebbels.

Raciocinando nessas questões teóricas, notamos que Roberto Alvim instaura em seu discurso um diálogo (neo)nazi tropicalizado com a voz de Joseph Goebbels, um dos líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), no processo de bivocalização discursiva. Na integração da sintaxe e de recursos léxico-semânticos do discurso de Goebbels ao seu discurso, elabora relações sintáticas, estilísticas e composicionais para produzir sentidos ultranacionalistas. Para velar esse diálogo com o nazismo, disfarça pela sintaxe recursos léxico-semânticos do discurso do Ministro do Esclarecimento e da Propaganda de Adolf Hitler. Desse modo, estilo pictórico e discurso bivocal de orientação única possibilitam que Alvim não mencione abertamente o nome do chefe da propaganda nazista tampouco difira as enunciações com travessões ou aspas no diálogo (neo)nazi tropicalizado, misturando as vozes, as ideias e as intenções político-discursivas.

VOZES (NEO)NAZIS E(M) DIÁLOGO TROPICALIZADO

O objeto de nosso texto é o discurso de Roberto Alvim, ex-Secretário Especial da Cultura, sobre novos rumos da cultura brasileira em que apresenta o edital do Prêmio Nacional das Artes. Nesse pronunciamento, ao som de Wagner, Roberto Alvim integra a sintaxe e os recursos léxico-semânticos que aludem ao discurso de Joseph Goebbels, localizado no livro *Goebbels: uma biografia*, de Peter Longerich. Após a repercussão nacional, o ex-Secretário da Cultura defendeu que se tratava de uma *coincidência retórica* e que, ao lado disso, numa entrevista ao veículo jornalístico *Estadão*, “[...] as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas e eu assino embaixo [...]”. Ademais, o vídeo que respalda esse estudo foi publicado no canal Poder360 do *Youtube*.

Muito embora, no período getulista, o Partido Nazista tenha se inserido nas cinco regiões do Brasil (DIETRICH, 2007), não houve manifestações de rua em que sujeitos marchassem com a braceira da suástica cumprimentando Adolf Hitler. Ao nosso compreender, o (neo)nazismo estabelece um diálogo tropicalizado entre vozes cotidianas e históricas que se materializam em discursos – projetos de lei, já ditos, pronunciamentos, discursos governamentais, comentários de internet etc. Empregamos a palavra *tropical*, considerando a noção de nazismo para a Alemanha à época de Hitler em comparação ao neonazismo velado no Brasil do século XXI. Para evidenciar esse diálogo, propomos uma análise do nazismo alemão a fim de, posteriormente, deslocarmos nosso olhar para exemplos neonazis da sociedade brasileira.

Antes de escrevermos sobre as lideranças nazis, enfatizamos que Adolf Hitler discursava perante um auditório social numa conjuntura racista e autoritária. Aqueles que elogiavam o *Führer* eram justamente aqueles que estavam fora dos campos de concentração. Não é interessante integrar a sintaxe nazista nos discursos do cotidiano e afirmar: “Hitler era um gênio”; “Hitler era um grande orador”; “Hitler era um estrategista”. A nós, parece-nos que os teóricos (inter)nacionais se esquecem de que ele não estava sozinho no comando do nazismo tampouco sozinho nas políticas de extermínio, de guerra, economia, diplomacia, cultura, educação e, assim, sucessivamente. Aliás, esses predicados do sujeito indicam um diálogo (neo)nazi de colonização em nichos da produção científica brasileira e internacional.

Posto isso, o nazismo se constituiu na Alemanha, conforme Kershaw (2015), destas lideranças: Martin Bormann (1900-1945) – Chefe da Chancelaria do Partido Nazista e secretário de Adolf Hitler –; Joseph Goebbels (1897-1945) – Ministro de Esclarecimento e Propaganda do *Reich* e plenipotenciário para a Guerra Total do Reich a partir de 1944 –; Hermann Göring (1893-1946) – Marechal do Reich –; Heinrich Himmler (1900-1945) – *Reichsführer-SS*, Chefe da Polícia Alemã comissário do Reich para o Fortalecimento da Nacionalidade Germânica –; Adolf Hitler (1889-1945) – *Führer*, Chefe de Estado, Chefe do governo do *Reich*, Chefe do Partido Nazi, Comandante Supremo da *Wehrmacht* e Comandante em Chefe do Exército; Ernst Kaltenbrunner (1903-1946) – *SS-Obergruppenführer* e Chefe da Polícia de Segurança e do Serviço de Segurança; Wilhelm Kritzinger (1890-1947) – Secretário de Estado na Chancelaria do *Reich*; Hans-Heinrich Lammers (1879-1962) – Ministro do *Reich* e Chefe da Chancelaria do *Reich*; Roberto Ley (1890-1945) – Chefe da Organização do Partido Nazista do *Reich* e Chefe da Frente Alemã do Trabalho; Joachim von Ribbentrop (1893-1946) – Ministro do Exterior do *Reich* –; Lutz Graf Schwerin von Krosigk (1887-1977) – Ministro das Finanças do *Reich*, Primeiro-Ministro e Ministro do Exterior no governo Dönitz; Artur Seyß-Inquart (1892-1946) – Comissão do *Reich* para os Territórios Ocupados dos Países Baixos; Albert Speer (1905-1981) – Ministro dos Armamentos e da Produção de Guerra do *Reich*, Ministro da Indústria e da Produção do *Reich* no governo Dönitz; Wilhelm Stuckart (1902-1953) – *SS-Obergruppenführer*, Secretário de Estado no Ministério do Interior do *Reich*, Ministro do Interior do *Reich* no governo Dönitz.

No processo eleitoral alemão em 1932, o Partido Nazista – NSDAP – conquistou 230 cadeiras no *Reichstag*, superando o Partido Social-Democrata da Alemanha – SPD – e o Partido Comunista da Alemanha – KPD. Muito embora o NSDAP fosse o maior partido no *Reichstag*, no segundo turno das eleições, este foi o resultado: Paul von Hindenburg, 19.359.650 de votos; Adolf Hitler, 13.418.011 de votos; e o candidato comunista Ernst Thaelmann, 3.706.655 de votos (SWEETING, 2011). Nesse mesmo ano, o chanceler do *Reich*, Heinrich Brüning, foi substituído por Franz von Papen, porque, sem apoio, governava por decretos (SWEETING, 2011). Após seis meses num cenário político caótico, Franz von Papen foi substituído pelo general Kurt von Schleicher. Conforme Sweeting (2011), em 1933, devido a uma articulação política, Von Papen consegue se impor ao octogenário presidente Von Hindenburg, tornando Hitler – que tinha o apoio dos militares e dos industriais – o novo chanceler do *Reich*, mudando os rumos da República de Weimar.

No transcurso desse mesmo ano, sob o subterfúgio do incêndio que ocorreu no edifício do Parlamento – *Reichstag* –, Hitler recebeu um poder emergencial, via decreto presidencial, que usou contra a sua oposição. Censurou a imprensa com o apoio de Joseph Goebbels, dissolveu sindicatos e prendeu líderes políticos (SWEETING, 2011). O Partido Nazista conseguiu a aprovação do *Deutsche Gruss*, o cumprimento alemão *Heil Hitler*, como obrigatório, dentre outras medidas (SWEETING, 2011). Se já não bastasse todo o terror e as perseguições que os nazistas foram precursores, Joseph Goebbels participou de queimas de livros organizadas pelo seu ministério no Estado Nazista e pela união nacional dos estudantes (EVANS, 2010). Foram queimados os livros *antialemães* de Albert Einstein, Thomas Mann, Brecht, Lênin, Marx, Engels, Zinoviev, Heine, Emil Ludwig, Helen Keller, Upton Sinclair e Jack London (LONGERICH, 2013).

Disso, percebemos que o nazismo não queria só eliminar os opositores *anti-Hitler* ou *antialemães*, como também modificar a cultura alemã. Não esqueçamos que a política cultural de Goebbels

sob o Ministério do Esclarecimento e da Propaganda expurgou os judeus da vida artística. Além disso, esse ministério era firmado em departamentos para a propaganda, rádio, imprensa, cinema, teatro e, ainda agrega Evans (2010), *esclarecimento popular*. Aliás, o chefe da propaganda nazi queria uma *mobilização espiritual da nação* para, com isso, restaurar a *saúde moral e material da nação* (EVANS, 2010).

Em 1934, Paul von Hindenburg, Presidente da República de Weimar, morreu. Isso provocou a consolidação do poder de Hitler que, por sua vez, criou e assumiu para si os títulos de *Führer* em adição ao de *Reichskanzler – Chanceler do Reich*. Hitler obteve o controle das Forças Armadas obrigando os militares a prestar juramento não à Constituição, mas a sua pessoa (SWEETING, 2011). Segundo Sweeting (2011) e Longerich (2013), Heinrich Himmler expandiu o sistema de campo de concentração para receber milhares de *opositores* ao Estado Nazi.

Em 1935, com o apoio de Leni Riefenstahl para filmar os seus comícios, surge o filme chamado *Triunfo da Vontade* para propagandear os infames ideais nazistas com uma abertura wagneriana, imagens aéreas de Nuremberg, bandeiras da suástica, marcha dos nazistas e discursos inflados (SWEETING, 2011). Já em 1938, como escreve Sweeting (2011), havia milhares de judeus tentando sobreviver com as imposições e perseguições nazistas.

Entre o ataque da Alemanha à Polônia em 1939 e a rendição do Japão em 1945, os 2.174 dias da Segunda Guerra Mundial mataram 46 milhões de militares e de civis (GILBERT, 2014). Inclusive, como escreve Gilbert (2014), quando os alemães se dirigiam à Polônia havia um slogan inscrito num vagão que indicava o extermínio dos judeus. Joseph Goebbels descrevia os judeus como animais, inimigos dos arianos, não se tratando de uma *tarefa humanitária*, mas de uma *tarefa cirúrgica* que, segundo ele, caso nenhuma medida fosse acionada, poderia representar a ruína da Europa pela “doença judaica” (GILBERT, 2014).

Matutando nesse contexto histórico, reputamos que o nazismo parece ressurgir no Brasil num diálogo (neo)nazi tropicalizado. Não se trata de brasileiros marchando nas avenidas com braceiras sob o enunciado *Heil Hitler!*, mas, e isto sim, de práticas cotidianas e governamentais que se articulam aos ideários nazis. No Governo Bolsonaro, percebemos justamente esse ufanismo que suscita manifestações verde-amarelas contra instituições democráticas. É latente a vilanização das minorias sociais, ora porque há um *kit gay*, ora porque uma jornalista, Patrícia Campos, queria *dar o furo*, conforme o Presidente do Brasil. Na Secretaria Especial da Cultura, um pronunciamento que faz apologia ao nazismo. Na Fundação Cultural Palmares⁶, a indicação de um sujeito que acredita que a escravidão foi benéfica para os negros. Em 2003, a condenação de Siegfried Ellwanger, proprietário da Editora Revisão, pelo STF – Supremo Tribunal Federal – por um livro chamado *Holocausto: judeu ou alemão?* Nos bastidores da mentira do século no qual, numa perspectiva revisionista racista, negava a existência do holocausto contra os judeus por parte dos nazistas.

Nessa atmosfera de discursos autoritários e segregacionistas, o ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim elabora o seguinte pronunciamento:

Olá, meus amigos, eu sou Roberto Alvim, Secretário Especial da Cultura do governo do Presidente Jair Bolsonaro. Eu venho falar a vocês sobre um assunto muito importante. Quando eu assumi esse cargo em novembro de 2019, o presidente me fez um pedido. Ele pediu que eu faça uma Cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude. A Cultura é a base da Pátria. Quando a Cultura adoce, o povo adoce junto. É por isso que queremos uma Cultura dinâmica e, ao mesmo tempo, enraizada na nobreza de nossos mitos fundantes. A Pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus amparam nossas ações na criação

⁶ Trata-se de uma entidade pública brasileira que possui estas finalidades conforme a lei nº 7.668, de 22 de agosto de 1988: “I - promover e apoiar eventos relacionados com os seus objetivos, inclusive visando à interação cultural, social, econômica e política do negro no contexto social do País”; e “II - promover e apoiar o intercâmbio com outros países e com entidades internacionais, através do Ministério das Relações Exteriores, para a realização de pesquisas, estudos e eventos relativos à história e à cultura dos povos negros”.

de políticas públicas. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de Arte. Nossos valores culturais também conferem grande importância à harmonia dos brasileiros com sua terra e sua natureza, assim como enfatizam a elevação da nação e do povo acima de mesquinhos interesses particulares. A Cultura não pode ficar alheia às imensas transformações intelectuais e políticas que estamos vivendo. A Arte brasileira da próxima década será heroica (sic) e será nacional; será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada. Ao país a que servimos, só interessa uma Arte que cria a sua própria qualidade a partir da nacionalidade plena, e que tem significado constitutivo para o povo para o qual é criada, portanto, almejamos uma nova Arte nacional, capaz de encarnar simbolicamente os anseios desta imensa maioria da população brasileira, com artistas dotados de sensibilidade e formação intelectual, capazes de olhar fundo e perceber os movimentos que brotam do coração do Brasil, transformando-os em poderosas formas estéticas. São estas formas estéticas, geradas por uma Arte nacional que agora começará a se desenhar, que terão o poder de nos conferir, a todos, energia e impulso para avançarmos na direção da construção de uma nova e pujante civilização brasileira. O Prêmio Nacional das Artes gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil. Trata-se de um marco histórico nas Artes brasileiras, de relevância imensurável, e sua implantação e perpetuação ao longo dos próximos anos irá redefinir a qualidade da produção cultural em nosso país. E é por tudo isso que afirmo a vocês, meus amigos, 2020 será o ano de uma virada histórica, 2020 será o ano de renascimento da Arte e da Cultura no Brasil. Muito Obrigado.

Nesse discurso, reparamos no ponto de vista de uma cultura ultranacionalista e salvadora que possibilitaria aos brasileiros avançar para uma nova civilização. Para engendrar esses sentidos, Roberto Alvim aciona estes signos: “Ele pediu que eu faça uma Cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude”, “A Cultura é a base da Pátria”, “A Pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus amparam nossas ações na criação de políticas públicas”, “As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de Arte”, “Nossos valores culturais também conferem grande importância à harmonia dos brasileiros com sua terra e sua natureza, assim como enfatizam a elevação da nação e do povo acima de mesquinhos interesses particulares”. As refrações semânticas desses signos se articulam com os pontos de vista de uma cultura que, por intermédio de políticas públicas, necessitaria de patriotismo, de renovação e de salvação. Inclusive, é essa justamente a plataforma eleitoreira do Presidente do Brasil: “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”.

O fato de não haver o ponto de vista de uma cultura plural, emancipadora e dialógica, mas, e isto sim, ultranacionalista, messiânica e renovadora, instiga-nos a pensar numa contraposição à governança petista, porque a cultura precisaria salvar a juventude e não a destruir. No entanto, diante dessa conjuntura, perguntamo-nos: a cultura já destruiu a juventude? Durante os governos do Partido dos Trabalhadores, a extrema-direita acusou o Governo Federal de distribuir um *kit gay* nas escolas para converter e/ou subverter a orientação sexual de crianças. Aliás, esse período político é considerado para a extrema-direita como o período de *inversão de valores*. A perspectiva de uma nova civilização brasileira não representa as culturas heterogêneas de grupos sociais. Na verdade, o ponto de vista mostrado parece representar uma imposição cultural de uma classe que ascendeu à direção do País, tal como a política cultural do *Reich*.

De um lado, o discurso de Joseph Goebbels estruturado numa unidade sintática, estilística e composicional: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *páthos* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”. De outro lado, o discurso de Roberto Alvim que, como escrevemos, elabora relações sintáticas, estilísticas e composicionais para integrar a sua unidade sintática, estilística e composicional o discurso do chefe da propaganda nazi: “A Arte brasileira da próxima

década será heroica (sic) e será nacional; será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, pondo que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada”.

Pensando nessas relações dialógicas, orientação única e estilo pictórico são primordiais no processo de bivolocalização discursiva: (1) a produção de sentidos ultranacionalistas; e (2) o velamento desse diálogo com o nazismo no disfarce pela sintaxe de recursos léxico-semânticos. Nesse contexto, escamoteia-se as intenções desse locutor em criar um projeto cultural semelhante ao nazista, nesse caso, de exclusão da pluralidade da vida cultural. A partir do fato de que “as ideias contidas nas frases são absolutamente perfeitas” e de que Joseph Goebbels com seu ministério no Estado Nazi tentou (re)organizar a vida artística na Alemanha excluindo os judeus da vida cultural e, ainda, participou de queimas de livros organizadas pela união nacional dos estudantes alemães, o ponto de vista mostrado se entrelaça com aquela interpretação de imposição de uma cultura ultranacional, renovadora e, poderíamos acrescentar, neonazista que provém de uma classe que ascendeu à direção do País. Disfarça-se o signo “alemã” por “brasileira” e os signos “será ferreamente romântica” e “será nacional com grande *páthos*” pelos signos “de grande capacidade de envolvimento emocional”. Entretanto, a temática ultranacionalista, a sintaxe, a estilística e a composição nos conduzem a esse diálogo (neo)nazi tropicalizado.

Ao longo do discurso, Roberto Alvim elege estes signos ultranacionalistas: “Ao país a que servimos, só interessa uma Arte que cria a sua própria qualidade a partir da nacionalidade plena, e que tem significado constitutivo para o povo para o qual é criada, portanto, almejamos uma nova Arte nacional”, “uma nova e pujante civilização brasileira”. Nisso, indagamo-nos: por que precisaríamos de uma nova Arte brasileira? Ao menos para as políticas culturais de Goebbels, a nova Arte alemã serviu para (re)organizar a sociedade conforme os preceitos nazistas de modo a criar uma censura nacional operando nas formas estéticas e na vida cotidiana.

Há a apresentação do edital do Prêmio Nacional das Artes que, segundo o ex-Secretário, “gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil”. Conforme as suas palavras, trata-se de “um marco histórico nas Artes brasileiras, de relevância imensurável, e sua implantação e perpetuação ao longo dos próximos anos irá redefinir a qualidade da produção cultural em nosso país”. Nesse (con)texto, finaliza o pronunciamento com o seguinte: “E é por tudo isso que afirmo a vocês, meus amigos, 2020 será o ano de uma virada histórica, 2020 será o ano de renascimento da Arte e da Cultura no Brasil. Muito Obrigado”.

A nós, parece-nos interessante a ideia de um Prêmio Nacional das Artes que, em seu bojo, financie e fomenta a criação artística em nosso país. O empecilho é o fato de não haver nesse pronunciamento uma cultura plural, emancipadora e dialógica. Na verdade, a proposta de cultura é ultranacional, neonazista e renovadora. A ideia de um Prêmio Nacional das Artes se apresenta num pronunciamento que, ademais, mobiliza signos populistas, tais como “gerará milhares de empregos, assim como ampla capacitação profissional e formação de público, configurando um panorama das maiores realizações artísticas oriundas das 5 regiões do Brasil”, para apelar ao povo numa conjuntura de crise econômica. Para a concretização desse *páthos* ufanizado à nação, não há sequer Ministério da Cultura.

Por derradeiro, à semelhança de Hitler, que deixava seu discurso velado para uma interpretação adequada de seu séquito, escreve o historiador:

Alguns historiadores tentaram identificar a data exata em que Hitler ordenou a expulsão e o extermínio dos judeus da Europa. Todas as evidências para isso são inconsistentes. Deu-se muito destaque ao fato de que, bem depois da guerra, Adolf Eichmann recordou-se de Heydrich tê-lo convocado no fim de setembro ou início de outubro para dizer que ‘o Líder havia ordenado o extermínio físico dos judeus’. Himmler também viria a se referir a tal ordem em mais de uma ocasião no futuro. Mas é extremamente duvidoso que a ordem tenha sido dada em tantas palavras a Himmler ou a Heydrich – ou de fato a qualquer outro. As declarações

de Hitler, registradas em várias fontes, mais notadamente no registro público de seus discursos e nas anotações particulares de suas conversas no diário de Goebbels e na *Conversa à mesa*, representam tanto o estilo quanto o teor do que ele tinha a dizer sobre o assunto. É um erro procurar ou imaginar uma ordem, seja escrita ou falada, do tipo emitido por Hitler no caso do programa de eutanásia compulsória, onde ela foi exigida para dar legitimidade às ações de profissionais médicos e não às de homens comprometidos da SS, que mal precisavam delas de qualquer forma. Conforme a Suprema Corte do Partido Nazista havia notado no começo de 1939, durante a República de Weimar, os líderes do Partido haviam se acostumado a se furtar de responsabilidade legal certificando-se de que ‘as ações [...] não são ordenadas com clareza absoluta ou nos mínimos detalhes’. De modo análogo, **os membros do Partido haviam se acostumado a ‘interpretar mais de tais comandos do que o que era dito em palavras, assim como tornou-se costume generalizado de parte das pessoas que emitem o comando [...] não dizer tudo’ e ‘apenas insinuar’ o objetivo de uma ordem** (EVANS, 2012, p. 148, grifos nossos).

APONTAMENTOS FINAIS

No transcurso desse artigo, discutimos, dialogicamente, a presença de um diálogo entre vozes (neo)nazis no discurso do ex-Secretário de cultura Roberto Alvim que reflete e refrata sentidos de um projeto (neo)nazi engendrado pelo governo bolsonarista no Brasil. Para chegarmos a essa conclusão, foram cruciais o projeto de sociedade que Círculo nos forneceu, particularmente os conceitos de dialogismo, signos ideológicos, vozes sociais e bivocalização, e estudos historiográficos sobre o nazismo, já que, como bem escrevemos, o conceito de diálogo (neo)nazi tropicalizado põe em interlocução Roberto Alvim e Joseph Goebbels.

Nesse diálogo (neo)nazista tropicalizado, Roberto Alvim integra o discurso de Joseph Goebbels ao seu pronunciamento elaborando relações sintáticas, estilísticas e composicionais para que com isso possa produzir sentidos ultranacionalistas sobre os novos rumos da cultura brasileira. Para velar esse diálogo, disfarça a autoria de Joseph Goebbels na modificação pela sintaxe de recursos léxico-semânticos, tais como os signos “alemã” por “brasileira” e os signos “será ferreamente romântica” e “será nacional com grande *páthos*” pelos signos “de grande capacidade de envolvimento emocional”.

Cumprindo com nossos objetivos, como sujeitos ativamente responsivos, justificamos esse artigo a partir do fato de o nosso objeto de estudo naturalizar comportamentos autoritários em nossa sociedade. Percebemos que aquela tensão dialógica do campo político sob o enunciado *ele não!* se fundamenta e, acrescentamos, um projeto neonazista baseado no ultranacionalismo, na salvação, na renovação da civilização e da arte e na imposição de uma cultura.

Para nós, a ideia de *coincidência retórica* na qual Roberto Alvim retoma coincidentemente o discurso de um dos chefes do Partido Nazista foi refutada, porque, segundo analisamos, a temática ultranacionalista, a sintaxe, a estilística, a composição dos discursos em análise dialógica evidencia um diálogo (neo)nazi tropicalizado. Não poderia ter havido essa citação sem uma concordância de valores políticos e ideológicos. Após a repercussão nacional, o ex-Secretário foi exonerado do cargo público ao qual havia sido designado pelo Presidente do Brasil – Jair Bolsonaro. Inclusive, achamos interessante essas *coincidências* envolvendo o Governo Federal, porque, durante a redação desse texto, a SECOM – Secretaria de Comunicação – integrou um discurso nazista, grafado no campo de concentração em Auschwitz, ao seu discurso governamental para produzir sentidos sobre o enfrentamento ao Covid-19.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1988.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 3ª ed. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Lei nº 7.668, de 22 de agosto de 1988. Autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Cultural Palmares - FCP e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1988/lei-7668-22-agosto-1988-368161-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL 247. E surgiu a aberração-mor: um negro defendendo a escravidão. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/e-surgiu-a-aberracao-mor-um-negro-defendendo-a-escravidao>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

CONGRESSO EM FOCO. Kit gay nunca foi distribuído na escola. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/kit-gay-nunca-foi-distribuido-em-escola-veja-verdades-e-mentiras/>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Bolsonaro, sobre repórter da Folha: 'Ela queria dar um furo'. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. VÍDEO – Bolsonaro insulta Patrícia Campos Mello, repórter da Folha, com insinuação sexual: “Ela queria dar o furo”. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-bolsonaro-insulta-patricia-campos-mello-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual-ela-queria-dar-o-furo/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

DIETRICH, A., M. Nazismo tropical? O Partido Nazista no Brasil. 2007. 378. p.; Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ESTADÃO. Roberto Alvim ‘assina-embaixo’ frase de nazista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AEeFIIr0d7I>>. Acesso em: 19 de jan. 2020.

EVANS, R. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2010

_____. **O Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. **O Terceiro Reich em guerra**. São Paulo: Planeta, 2012.

EXTRA. Coronel Ustra, homenageado por Bolsonaro como ‘o pavor de Dilma Rousseff’, era um dos mais temidos da ditadura. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/coronel-ustra-homenageado-por-bolsonaro-como-pavor-de-dilma-rousseff-era-um-dos-mais-temidos-da-ditadura-19112449.html>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. STF condena editor por racismo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0604200011.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. Militares fazem defesa contida de 64, mas celebram volta à democracia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/ministro-faz-defesa-sobriade-64-mas-celebra-volta-a-democracia.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GAÚCHA ZH. Novo presidente da Fundação Palmares já afirmou, em redes sociais, que a escravidão foi benéfica "para os descendentes". Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/11/novo-presidente-da-fundacao-palmares-ja-afirmou-em-redes-sociais-que-a-escravidao-foi-benefica-para-os-descendentes-ck3htcbla00gm01lloiorqmzo.html>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

G1. Secretário nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre artes semelhante ao de ministro da Propaganda de Hitler. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-alvim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>>. Acesso em: 6 de jan. 2020.

GILBERT, M. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2.174 dias que mudaram o mundo. Tradução: Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

ISTO É. Bolsonaro ofende jornalista da Folha: “Querida dar o furo”. Disponível em: <<https://istoem.com.br/bolsonaro-ofende-jornalista-patricia-campos-mello-ao-citar-depoimento-em-cpi/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

JORNAL NACIONAL. Ministério da Defesa divulga Ordem do Dia a ser lida nos quartéis em referência a 31 de março de 1964. Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/27/ministerio-da-defesa-divulga-ordem-do-dia-a-ser-lida-nos-quarteis-em-referencia-a-31-de-marco-de-1964.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

KALIL, I. As origens do bolsonarismo. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

KERSHAW, I. **O fim do Terceiro Reich**: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945. Tradução: Jairo Arco e Flexa. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LONGERICH, P. **Heinrich Himmler**: uma biografia. Tradução: Angelika Elisabeth Köhnke et al. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

O GLOGO. Bolsonaro menciona chefe do DOI-CODI ao votar pelo impeachment. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-menciona-chefe-do-doi-codi-ao-votar-pelo-impeachment-2-19112343>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

PODER 360. Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ>>. Acesso em: 19 de jan. 2020.

PORTAL R7. Exército brasileiro comemora golpe militar a pedido de Bolsonaro. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/brasil/exercito-brasileiro-comemora-golpe-militar-a-pedido-de-bolsonaro-31032019-1>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

RIBEIRO, K., R. Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo show da fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade. 2015. 261. p; Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ROCHA, C., C. Nazismo ressurgiu no Brasil em discursos, práticas e projetos de lei. Disponível em: < <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2015/08/nazismo-no-brasil-atual.pdf>>. Acesso em: 6 de jan. 2020.

RODRIGUES, M., A., F; PASCHOAL, C., S. Bolsonarismo: entre a arte retórica e a arte de fritar hambúrgueres. Disponível em: < <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/opiniao/bolsonarismo-entre-a-arte-retorica-e-a-arte-de-fritar-hamburgueres/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

RODRIGUES, M., A., F; RIBEIRO, K., R. Análise enunciativo-discursiva do projeto de fala governamental “Brasil: ontem, hoje e amanhã”. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019, Rio Grande. Anais Eletrônicos. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2019, p. 152-166.

SWEETING, G. **O piloto de Hitler**: a vida e a época de Hans Baur. Tradução: Elvira Serapicos. São Paulo: Jardins dos Livros, 2011.

TERRA. Sergio Camargo é suspenso do comando da Fundação Palmares. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/sergio-camargo-e-suspenso-do-comando-da-fundacao-palmares,f06bd5eed531779c08af76918923f720g86rmygk.html>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

VEJA. Bolsonaro afirma que torturador Brillante Ustra é um “herói nacional”. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

VOLOCHÍNOV, V. **O freudismo**: um esboço crítico. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: Editora HICITEC, 2010.